O SENTIDO DA PALAVRA E A LINGUAGEM FILOSÓFICA NO PRÓLOGO DE SÃO JOÃO

Tarciso Botelho Pereira Filho[1]

Resumo

O presente trabalho objetiva analisar a linguagem filosófica presente no prólogo do Evangelho de São João, explorando a transição do "Verbo" que "se fez carne". A pesquisa foi qualitativa, do tipo teórico-bibliográfica. O significado da palavra não é meramente representativo, mas fundamentado em seu uso prático e no contexto de uma forma de vida. Diferente da visão platônica, o estudo defende que a linguagem joanina possui um caráter criador e dinâmico, e não apenas comunicador, onde a palavra precede a existência material das coisas. Foi possível fundamentar racionalmente o mistério da encarnação através da filosofia da linguagem.

Palavras-chave: Verbo. Encarnação. Mistério.

1 INTRODUÇÃO

A frase "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós" foi escrita por São João, no capítulo 1, versículo 14, no prólogo do seu Evangelho. O autor do quarto Evangelho usou o termo Verbo para descrever Jesus Cristo como a Palavra viva de Deus, a encarnação da razão divina e o mediador entre Deus e o mundo. A expressão "Verbo" originou-se do grego "Logos", cuja acepção, na filosofia grega, se referia à razão, à ordem e à linguagem. Para São João, "o Verbo se fez carne" é o princípio da ordem criativa, identificado com Jesus Cristo. Para aprofundar essa concepção, realizarei neste estudo uma investigação da referida perícope, evidenciando a ligação estreita entre a concepção joanina de criação/encarnação e a noção de linguagem e palavra. Reconhecendo a relevância do prólogo de

[1] Graduando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: tarciso.00000030941@unicap.br

São João para o cristianismo e a necessidade de aproximar sua estruturação da linguagem bíblico-filosófica, este ensaio filosófico pretende fundamentar filosoficamente o artifício linguístico criador joanino. Fica clara, aqui, a discordância da ideia platônica de que a linguagem foi criada para substituir o objeto, pois o prólogo nos revela que o Verbo cria, não substitui.

Novarina (2009, p. 20) acredita que a fala vai além do que ela pode dizer. "Ela escuta o que não sabe; ela espreita. Nós falamos do que não podemos nomear. Muito precisamente, cada palavra designa o desconhecido". Já Wittgenstein é mais cauteloso na ideia de significação, para não ser aplicada de maneira genérica nessa concepção não representacional da linguagem. O filósofo irá considerar, na significação da palavra, o contexto de sua enunciação. Por isso, podemos crer que a utilização da linguagem é sempre cambiante e não pode se fixar permanentemente.

A existência da linguagem no prólogo corresponde à investigação da forma de vida de um contexto específico. Wittgenstein afirma que a palavra é, antes de tudo, uma maneira de reconhecer uma forma de existência: "representar uma linguagem significa representar-se uma forma de vida" (Wittgenstein, 1991, §19). Assim, pode-se apontar dois problemas, ou duas condições, acerca dessa concepção de linguagem enquanto forma de vida. Primeiramente, não se pode nunca apreender a totalidade de uma linguagem. O uso, por exemplo, da expressão "se fez" não pode ser capturado ou descrito em sua totalidade. Por outro lado, uma mesma palavra pode ser empregada de modo completamente diferente, dependendo de seu contexto. Somente iremos apreender racionalmente a palavra "Verbo" se estivermos inseridos de forma profunda na situação de sua utilização.

O presente trabalho objetiva analisar a linguagem filosófica presente no prólogo do Evangelho de São João, explorando a transição do "Verbo" que "se fez carne", bem como discutir a perícope, evidenciando a ligação estreita entre a concepção joanina de criação/encarnação e a noção de

linguagem e palavra na filosofia, e fundamentar filosoficamente o artifício linguístico criador joanino.

2 O VERBO E A LINGUAGEM

Falar não é comunicar (Novarina, 2009, p. 14). Esta é uma das abordagens da palavra que se faz necessário evidenciar no prólogo de São João: perceber o Verbo enquanto ação, e não enquanto fala. Entretanto, como veremos a seguir, o prólogo tem sua especificidade, pois o "Verbo" que "se faz" e permanece intrinsecamente comunica. O texto bíblico nos coloca que "[...] tudo foi feito por meio dela, e sem ela nada foi feito" (Jo 1,3). Como consequência dessa condição, cada estrutura linguística no texto joanino desarticula o que entendemos por realidade e nos propõe a construção de outras possibilidades de elaboração linguística de mundos. Através do jogo existente entre palavra e pessoa e da força poderosa da linguagem, ou seja, da ressignificação das palavras, o prólogo cria e reinventa possibilidades passageiras e transitórias de invenção de mundo.

Para dar conta dessa proposição acerca da palavra e de seu mandato, encontramos uma pista no próprio prólogo: "No princípio existia a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e a Palavra era Deus" (Jo 1,1). Como Joseph Ratzinger disse que a filosofia é a mais alta expressão do espírito humano fora do cristianismo, será o olhar filosófico que ajudará nossa investigação acerca da Palavra misteriosa, repleta de referências da filologia, filosofia e linguística. Assim, Novarina (2009, p. 20) aponta em seu texto uma clara referência antagônica à filosofia elaborada por Ludwig Wittgenstein: "Aquilo que não se pode falar, é isso que é preciso dizer".

O filósofo austríaco Wittgenstein é um dos principais teóricos da filosofia da linguagem. Parte de sua teoria tenta responder como é possível falar sobre o mundo e como a linguagem opera para corresponder à realidade. A partir do prólogo de São João, entende-se que a realidade e a linguagem são construídas a partir da mesma lógica, sendo, então, a linguagem uma permanente figuração da materialidade, das formas objetivas do mundo,

uma vez que "a palavra se fez carne". Não obstante, Wittgenstein (2001, p. 63) defende que uma palavra denomina e nomeia um objeto. Veja-se que ele não tem a pretensão de estabelecer as teorias da linguagem mais adequadas, mas tão somente revelar as origens linguísticas das incompreensões racionais e, assim, eliminar tais problemas. Segundo o pensamento a seguir:

> Empregar filosoficamente a linguagem não significa, evidentemente, usar as palavras num sentido filosófico, porque aí pressupomos que estamos a dizer alguma coisa com sentido, mas sim analisar o que dizemos normalmente, quotidianamente, de uma perspectiva gramatical (Venturinha, 2010, p. 310).

Se quero tratar do "Deus dos filósofos", tratá-lo-ei a partir do olhar daqueles que refletiram sobre ele. Não foi à toa que Wittgenstein (2001, p. 131) afirmou que "todo problema filosófico é, antes de tudo, um problema de linguagem". Santo Agostinho (2017, p. 44) defende que a essência da palavra está, justamente, na forma como ele próprio, quando criança, aprendeu a utilizar a linguagem: "se os adultos nomeassem algum objeto e, ao fazê-lo, se voltassem para ele, eu percebia isto e compreendia que o objeto fora designado pelos sons que eles pronunciavam, pois eles queriam indicá-lo". Essa citação vai ao encontro de toda a revelação apresentada no prólogo de São João: "o Verbo se fez carne e habitou entre nós", ao considerar que a essência da palavra foi se tornar pessoa e permanecer.

Neste contexto, será justamente a palavra "habitar", no sentido de permanecer[2], que irá justificar a ação da expressão "se fazer". Wittgenstein resume que "nesta imagem da linguagem encontramos as raízes da ideia: cada palavra tem uma significação. Esta significação é agregada à palavra. É o objeto que a palavra substitui" (Wittgenstein, 1991, §1). Para que o "Verbo se fez carne"? Para "habitar entre nós". Estamos diante de uma demonstração ostensiva da linguagem ou da palavra, como esclarece Wittgenstein: "Esse uso ostensivo das palavras, pode-se dizer, estabelece

[2] Na bíblia Pastoral a palavra "habitar" é traduzida pela expressão "armou a sua tenda".

uma ligação associativa entre a palavra e a coisa (...) é essa a finalidade da palavra? Sim, pode ser a finalidade" (Wittgenstein, 1991, §30).

A filosofia wittgensteiniana nos ajudará a entender esta passagem do prólogo de forma menos metafísica, ao alicerçar a sua justificativa racionalmente, pois o filósofo acredita que o significado não é dado apenas pela situação à qual a palavra estaria ligada, mas, inversamente, seria dado a partir de regras específicas que utilizamos para inserir a palavra (Verbo) na nossa vida e fazer com que possamos nos relacionar com os objetos (carne).

Um substantivo faz-nos procurar uma coisa que lhe corresponda. Claro que, ao escrever o prólogo, São João não estava preocupado com a sintaxe preexistente das palavras "Verbo" e "carne". A relação dessas palavras na frase é óbvia; por isso mesmo, precisamos aprofundar a discussão e, ao mesmo tempo, construir relações menos rígidas com a lógica, admitindo a condição de permanente mudança da linguagem. A informação dada, "o Verbo se fez carne", pode nos causar constrangimento mental. Buscamos respostas que pudessem nos apontar para algo e, contudo, sentimos que não podemos apontar para nada cognoscível.

Sem a intenção de responder como "o Verbo se fez carne", pode-se ver que a expressão "se fez" não se aplica a todos os casos por meio de uma categoria definida de característica, pelo menos no sentido em que a palavra é habitualmente utilizada. Se, por outro lado, pretendermos dar uma definição da expressão "se fez", isto é, estabelecer um limite nítido para o uso da expressão, então seremos livres para fazermos como quisermos; mas, segundo Wittgenstein (1992, p. 50), esse limite nunca será inteiramente coincidente com o uso real, visto que esse uso não tem um limite nítido.

Assim, ao lermos o prólogo, devemos nos abster de perguntas do tipo: Como? Por quê? Em qual sentido? Para Wittgenstein, não há um significado que seja indicado como o correto para cada palavra, e não há nenhum poder significativo escondido por trás delas, independentemente do processo de enunciação. Para cada palavra há diversas significações que são aplicadas de acordo com seu uso, tanto que as transformações da

linguagem no cotidiano acabam por estender o campo de atuação da linguagem como um todo. Dando continuidade à tradição filosófica, o teórico vai chamar de jogos de linguagem essas possibilidades de significação plural, pois defende que o significado da palavra é maleável de acordo com o seu uso, alegando que os sentidos das palavras são utilizados de acordo com as regras estabelecidas naquele instante em que ela é utilizada.

Para entender melhor o funcionamento do "Verbo" que "se fez carne" nessa nova e cambiante configuração da linguagem, a mesma deve ser analisada conforme o seu uso em seu contexto específico do prólogo. Logo, não basta saber ou entender cada palavra individualmente, mas sim como elas se relacionam entre si na frase. Porque, como explica o próprio Wittgenstein (1991, §43), não basta a nomeação, a vinculação de um som a um objeto, mas sim o entendimento do seu uso neste jogo determinado: a significação de uma palavra é seu uso na linguagem.

O início do prólogo joanino é marcado por uma dinamicidade muito própria da pena do autor. As palavras parecem dançar; o próprio texto sugere uma escalada de mudanças e alterações próprias do contexto: "No princípio existia a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e a Palavra era Deus". O texto continua, mas inserindo novas palavras e significações dentro do mesmo contexto: "O que estava nela era a vida, e a vida era a luz dos seres humanos". Ou seja, a nomeação não dá conta da construção linguística como um todo, pois ela se modifica a partir de vários fatores. O chamado toma o lugar da nomeação, pois ele opera no trânsito. Para o dramaturgo Novarina, quando chamamos algo, ele se materializa naquele momento, pois a coisa, o objeto, dá o seu ouvido ao chamado, e não o contrário. Ao término do chamado, a coisa já não mais existe, pois não se trata de nomeação.

Segundo o Novarina,

> [...] nada é sem linguagem. Se a palavra sabe mais que a imagem, é porque ela não é nem a coisa, nem o reflexo da coisa, mas o que a chama, o que risca no ar sua ausência, o

> que diz no ar sua falta, o que deseja que ela seja. A palavra diz à coisa que ela está faltando e a chama – e, ao chamá-la, ela mantém reunidos num mesmo sopro seu ser e seu desaparecimento. Como se esse movimento amoroso da fala tivesse chamado o mundo (Novarina, 2009, p. 22).

Essa citação novariana diz que as coisas não existem anteriormente à palavra. De fato, a palavra é a origem. A carne foi quem se originou do Verbo, e não o contrário. Reforço: uma palavra não comunicacional em si, mas criadora. Ela mantém reunidos, num mesmo sopro, o seu próprio ser. Ou seja, não é momentânea, pois o "se fez" foi feito para sempre, continua existindo. A palavra entra na história por meio da carne e permanece enquanto identidade.

A relação da palavra não é apenas de passagem; é possível determinar a sua entrada no e com o corpo, inserindo uma concepção fisiológica da construção da linguagem, o que ajuda a entender melhor a percepção de que o significado do "se fez" opera no trânsito, como declara Novarina (2009): "oponho o saber que nós temos, que existe, bem no fundo de nós, não algo do qual seríamos proprietários, mas uma abertura maior, uma passagem falada" (Novarina, 2009, p. 13).

Entretanto, para Wittgenstein, trata-se de algo mais básico, mas que vai além dessa concepção fisiológica, como se vê em uma observação de 1937, em que Wittgenstein afirma:

> A vida pode educar-nos para a fé em Deus. E são também as experiências que o fazem; mas não me refiro a visões e a outras formas de experiência dos sentidos que nos mostram a "existência deste ser", mas, por exemplo, a sofrimentos de vários tipos. Estes nem nos revelam Deus do mesmo modo que a experiência dos sentidos nos revela um objeto, nem dão origem a quaisquer conjecturas a seu respeito. As experiências, os pensamentos – a vida pode impor-nos estes conceitos (Wittgenstein, 2000b, p. 125).

É interessante perceber como Wittgenstein, nessa passagem, articula o conceito de Deus com aquele de "objeto físico" que o filósofo discute no Da certeza. Sim, o "Verbo" não continuou palavra, mas "se fez carne", objetificou-se corporal e substancialmente. No final da passagem do

parágrafo 36 de Da certeza, ele diz o seguinte: "talvez ele seja então semelhante ao conceito de objeto". As sentenças em que o conceito "objeto físico" aparece não são proposições empíricas que demandam provas acerca da sua verdade, mas proposições gramaticais que determinam o funcionamento de um jogo de linguagem: "é uma indicação sobre o uso de palavras, e 'objeto físico' é um conceito lógico".

Se Wittgenstein faz essa aproximação entre o conceito "Deus" e o conceito "objeto", então podemos considerar que também o conceito "Deus", juntamente com os conceitos de "vida" e "luz", no versículo 4 do prólogo, faz parte do arcabouço de determinado jogo de linguagem, aquele em que se revelam os valores que assumimos em nossa visão de mundo. Sendo assim, os conceitos "Deus", "vida" e "luz" deveriam ser compreendidos enquanto articuladores de um determinado sentido do mundo, que se cristaliza em regras gramaticais que revelam a adequação do uso de certas proposições. Nesse sentido, ele revela uma determinada forma de encarar o mundo e a vida, que se articula em proposições gramaticais de uma determinada forma de vida, revelando uma particular visão de mundo.

A linguagem, enquanto atividade, produzindo significação a partir de seu contexto, dá margem para a afirmação de que não há processo de significação sem o outro. A palavra somente ganha vida quando dita para alguém; afora isso, permanece morta. Um tópico lembrado por Joseph Ratzinger emerge dessa condição importante:

Se é essencial para a mensagem cristã que ela não seja uma doutrina secreta esotérica voltada para um círculo limitado de iniciados, mas a mensagem de Deus dirigida a todos, então também é essencial que ela a traduza para a linguagem da razão humana (Joseph Ratzinger, 2006, p. 8).

A palavra faz parte de uma linguagem pública. Ou seja, à dinâmica do próprio "Verbo" que "se fez" e permaneceu, podemos acrescentar que Ele também se comunicou. A encarnação do Verbo tem destinatários. Para vislumbrar melhor esse processo, devemos entender a acepção de

pensamento segundo Wittgenstein (1991): "pensar não é um processo incorporal que dá vida e sentido à fala e que poderia separar-se daquele" (Wittgenstein, 1991, §39).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação do Verbo se distingue dos outros eventos, pois ela recebe seu sentido de acordo com as razões que a justificam, envolvendo, de forma incontornável, o sujeito da ação na própria constituição do seu sentido. Dessa perspectiva, as palavras precedem as coisas; no começo, há o Verbo delas. No começo, não é a coisa em si que é, mas o Verbo. O próprio ser sempre foi apenas a primeira das coisas após o Verbo se fazer carne. Com isso, veremos que as relações entre linguagem e ação levam a uma particular concepção de ser humano (razão) e divindade (fé), que justamente envolve as relações entre linguagem, pensamento e ação no contexto de uma forma de vida.

A linguagem não tem o seu significado apenas como foi colocada no prólogo; o seu significado será entendido no uso e em suas consequências, mas isso não significa que foi possível usar o termo "se fez" para designar qualquer coisa, pois somente são possíveis a partir da vivência da linguagem, e este jogo de linguagem utilizado por São João está completamente aliado à sua forma de vida, onde o "se fez" se refere unicamente ao "Verbo" e à "carne".

Podemos declarar que não existe a possibilidade da existência de uma linguagem em um sujeito sozinho, mas que é dirigida para todos, dentro da simbologia da razão humana, visto que a linguagem, bem como a própria palavra, está vinculada diretamente a uma forma de vida, mesmo que elas sejam maleáveis.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *Confissões*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BÍBLIA Pastoral [Nova]. São Paulo: Paulus, 2014.

NOVARINA, Valère. *Diante da palavra*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

RATZINGER, Joseph. *El Dios de la fe y el Dios de los filósofos*. Madrid: Encuentro, 2006.

VENTURINHA, Nuno. *Lógica, ética, gramática*: Wittgenstein e o método da filosofia. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Cultura e valor*. Lisboa: Edições 70, 2000.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Da certeza*. Lisboa: Edições 70, 2000.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *O Livro Azul*. Lisboa: Edições 70, 1992.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus lógico-philosophicus*. São Paulo: EDUSP, 2001.